

Mídia e Política no Brasil: o enquadramento das eleições presidenciais de 2010 na revista *CartaCapital*

*Ian Kelmer de Andrade Rosalino*¹

Resumo: O presente trabalho avalia de que maneira a posição editorial assumida por um veículo de comunicação pode definir e emoldurar as estratégias para a divulgação de fatos. A parte inicial do estudo é composta por um breve resumo da relação entre os meios de comunicação de massa e a prática política e por definições gerais de como se estrutura a prática jornalística em um semanário. Em seguida, buscamos as razões para a mitificação do conceito de objetividade jornalística e tratamos do enquadramento ou *news frame* como ferramenta na abordagem da política nos meios de comunicação. O nosso objeto de análise são duas edições da revista *CartaCapital* publicadas no período imediatamente anterior à campanha para as eleições majoritárias para Presidência da República em 2010. Esse momento é caracterizado pela efervescência do debate político e pela disputa do poder. Concluímos que a condução do processo político-partidário brasileiro no contexto eleitoral forja no semanário uma reprodução polarizada da cobertura política, tanto na composição argumentativa de seus editoriais quanto nas omissões seletivas dos fatos abordados em suas reportagens.

Palavras-chave: Enquadramento. Jornalismo Político. Eleições.

Abstract: This paper assesses how the editorial position previously assumed by a media outlet can define and frame the discursive strategies for the

¹ Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Especialista em Comunicação e Política pela UESB. E-mail: iankelmer@gmail.com

dissemination of facts. The initial part of the study consists of a brief summary of the relationship between mass media and political practice, as well as general settings for how to structure the practice on a weekly newspaper. Then seek the reasons for the mystification of the concept of journalistic objectivity and address the news framing or frame as a methodological tool in the policy approach in the media. As the object of analysis, we chose two editions of the magazine *CartaCapital* during the period immediately preceding at the elections for the Presidency in 2010, characterized by the ferment of political discussion and power struggles. We conclude that the conduction of the Brazilian process political on the electoral context simulates on the weekly magazine a reproduction of the polarized political coverage, both in the composition of its editorial and argumentative in selective omissions of facts addressed in their reporting.

Keywords: News Framing. Political Journalism. Elections.

Introdução

O desenvolvimento dos meios de comunicação, ao longo do século XX, transformou consideravelmente o ambiente político. A relação dos cidadãos com o universo das questões públicas, o contato entre líderes políticos e sua base eleitoral e mesmo o processo de governo foram reconfigurados pela evolução tecnológica da mídia. Tal fenômeno pode ser verificado em textos de autores como Lévy (1993), Gillmor (2004) e Burke e Briggs (2004) que, em tempos e perspectivas distintas, trataram do avanço tecnológico das comunicações e suas conseqüências para a humanidade. A prática jornalística também não ficou imune a essas transformações.

Por natureza, o jornalismo é ideológico². Segundo Melo (2003, p. 23) “o jornalismo caracterizava-se pela expressão de *opiniões*. Na medida em que a liberdade de imprensa beneficiava a todos, as diferentes correntes de pensamento ou os distintos grupos sociais se confrontavam através das páginas que editavam”.

² Utilizamos o termo “ideologia” em sentido corrente, qual seja, a maneira de pensar própria de um indivíduo ou grupo de pessoas.

Conforme Amaral (1996, p. 26),

Até a primeira metade do século XIX não havia preocupação, por parte do editor e do leitor, com equilíbrio e imparcialidade. Como a imprensa era, sobretudo, político-partidária, comprava-se (assinava-se) jornal para saborear a versão parcial dos acontecimentos e para se ler as críticas aos adversários, quase sempre pessoais, procedentes ou não, e invariavelmente em termos fortes, quando não afrontosos.

Em uma abordagem aproximada do pensador alemão Otto Groth, precursor dos estudos sobre o fenômeno jornalístico, Genro Filho (1987, p. 05) afirma que os periódicos seriam resultado da “comunicação de bens imateriais de todos os tipos, desde que pertençam aos mundos presentes dos leitores, de um modo público e coletivo.” Desse modo, os jornais seriam mediadores de um processo que não implica apenas uma função social, “mas também uma reciprocidade das relações entre os jornalistas, o periódico e os leitores”.

A controvérsia central das campanhas presidenciais, no âmbito midiático, pode ser examinada por meio da tensão nas reivindicações de legitimidade que atuam como enquadramentos antagônicos, definidoras do significado do voto. Assim, é necessário verificar os princípios que constituem os enquadramentos noticiosos nas reportagens sobre campanha eleitoral.

Quais as principais consequências desse posicionamento na cobertura política de uma campanha eleitoral? Partimos do seguinte pressuposto: o texto noticioso configura-se mediante uma sequência determinada pelo veículo e levada a cabo pelo jornalista e se estabelece a partir da omissão, destaque e relevância das informações disponíveis para a cobertura de um fato. O conceito de “objetividade jornalística”, considerado um valor fundamental para a atividade, seja por profissionais, seja por acadêmicos, é então questionado. Emerge, a partir daí, o conceito de “enquadramento” como um instrumental que contribui para avaliar de que maneira é construído o jogo de argumentos, seleções e ênfases que compõe o texto jornalístico.

Para analisar tais procedimentos escolhemos as edições 603, de 07 de Julho de 2011 e 605, de 21 de Julho. As duas foram publicadas em um contexto cujos temas a serem abordados pelas coligações estavam em crescente discussão, instante oportuno para colher as principais determinações políticas dos campos em disputa. A escolha da candidatura é feita pela revista na edição 603, quando é publicada uma reportagem com um panorama das campanhas no Nordeste. A edição 605 traz uma reportagem que trata das alianças orquestradas pelas candidaturas para se consolidarem na disputa política. A escolha de duas edições em um momento pré-eleitoral determinado contribui para uma maior profundidade na análise dos textos noticiosos e proporciona uma correlação mais cuidadosa destes com os princípios editoriais da revista.

A candidata

Na tentativa de avaliar, ainda que de maneira inicial, a relação entre a narrativa jornalística e o campo da política, vamos traçar um perfil do enquadramento noticioso na edição 603 da revista *CartaCapital*, analisando as seções “Editorial” e “Seu País”. A edição foi escolhida como ponto de partida, pois, é a começar dela que o veículo se posiciona favorável a uma das candidaturas dispostas na campanha presidencial. No editorial, o chefe de redação, Mino Carta, expõe as razões pelas quais o veículo opta pela candidata Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, e não por outros candidatos. Na seção “Seu País”, onde comumente se encontram matérias jornalísticas diversas, pretendemos avaliar de que modo a preferência pela candidata se refletirá no enquadramento noticioso da seção. Para esquematizar essa avaliação é necessário elucidarmos o posicionamento da revista em seu editorial.

Reportagem “Pelas mãos de Lula”

Na reportagem “Pelas mãos de Lula”, assinada pela repórter Cynara Menezes, o *frame* acionado no leitor dá-se por meio da palavra

sucessão, abaixo da manchete, seguida do subtítulo “O presidente transfere votos a Dilma Roussef em ritmo inesperado para a campanha petista, enquanto Serra vive a pior semana da corrida eleitoral”. Em consonância com esse recorte, as duas candidaturas estão em dinâmicas políticas contrárias: Dilma ascende de forma a surpreender os próprios aliados e Serra enfrenta dificuldades.

A reportagem começa com a análise de um universo favorável à candidata, qual seja, o estado de Pernambuco. Segundo a revista, o estado reputa ao Governo Lula uma aprovação de 95% e, partindo desse registro, a matéria configura o enquadramento binário associado no editorial. “Já há quem diga que o desafio dos partidos oposicionistas no Brasil é evitar, em nível nacional, o mesmo fenômeno de Pernambuco: uma oposição esfacelada e sem projeto próprio, cuja única estratégia eleitoral é confundir o eleitor, fazendo-se passar por situação”, assinala a revista, inserindo posteriormente a fala de uma especialista que corrobora essa afirmação.

Na análise sobre a política pernambucana, da mesma forma que José Serra é tratado como um candidato vitimado pelas circunstâncias políticas, de modo a explicar a falta de um projeto político oposicionista, Jarbas Vasconcelos, candidato de oposição, é considerado o último nome de um campo político quase inexistente. Nessa perspectiva, a revista pontua que “a oposição por lá desidratou a tal ponto que o senador Jarbas Vasconcelos, do PMDB, foi escolhido candidato a governador por ser a única alternativa dos mirrados antigovernistas e apenas para marcar presença na eleição”.

Em busca das razões para a quase total aprovação do Governo Lula, a reportagem recorre a aspectos da cultura oral e do atual momento econômico de Pernambuco.

As explicações para a quase unanimidade de Lula em Pernambuco variam. Vão desde o bairrismo pelo fato de o presidente ter nascido em Garanhuns (no atual município de Caetés) até o encantamento com sua prosa [...] Vários analistas atribuem a popularidade do presidente, assim como a de seu

pupilo Eduardo Campos, menos aos programas sociais e mais ao aumento da renda proporcionada pela geração de oportunidades. O complexo portuário de Suape, o maior exemplo da pujança, gerou nos últimos três anos mais de 20 mil empregos diretos e indiretos, e se preveem outros 10 mil num futuro próximo.

Tendo como exemplo o município de Santa Cruz do Capibaribe, “que experimenta um crescimento chinês: 13,4% de aumento do PIB em relação ao ano passado”, a alta popularidade de Lula tenderia a ser transferida, em intenção de voto, à candidata Dilma. Sobre a transferência de votos de Lula para a candidata, são fontes de informação da revista os institutos de pesquisa Ibope e Vox Populi e, segundo estes, Dilma teria 40% das intenções de voto e Serra 35%.

Nesse fenômeno de deslocamento de votos, Serra é tratado como um candidato enredado em dificuldades e confusões. No enquadramento binário proposto pela revista, durante sua “pior semana”, Serra teve de enfrentar a virada de Dilma nas pesquisas e a “rocambolesca novela” da indicação do candidato a vice-presidente na sua chapa, o deputado Índio da Costa, do Democratas.

Além disso, a revista atribui aos marqueteiros – e não a institutos de pesquisa – de Serra uma confusão na análise da conjuntura política. Segundo eles, a capacidade de transmitir votos de Lula para Dilma estaria perto do limite por conta de uma ligeira queda no porcentual dos que se dizem dispostos a escolher a candidata do Presidente. A reportagem avalia que “tende a se iludir quem apostar nessa hipótese” para, em seguida, refutá-la por meio de um especialista.

Ao aprofundar os mecanismos de transferência de votos, a reportagem ouviu Ricardo Guedes, diretor do Instituto Sensus e o coloca como sujeito qualificado, “cujo principal mérito foi ter captado a ‘onda Dilma’”, que tem feito um “exercício estatístico interessante”: relacionar as intenções de voto com o conhecimento, por parte da população, de que Dilma é a candidata de Lula.

Por seus cálculos, que levam em conta algumas variáveis, a correlação entre a intenção de voto em Dilma Rousseff e o conhecimento dos eleitores de sua condição de “candidata de Lula” equivale, neste instante, a 0,98 (onde 1 é absoluto e 0 é nada). Ou seja, de cada dez eleitores que passam a ligar a ex-ministra ao presidente, praticamente dez optam pela petista.

Ao enquadrar o fenômeno da transferência de votos do Presidente à sua candidata, pano central do jogo político, com a inserção de especialistas que qualificam a candidata em detrimento do seu oponente ou, ainda, com previsões positivas para Dilma e negativas para Serra, a reportagem estabelece um cenário em que as duas candidaturas são dispostas em termos e espaços desiguais.

O sertão pernambucano, local escolhido para compor a reportagem, é considerado uma região de economia em desenvolvimento cuja liderança simbólica é a figura do Presidente Lula. Na escolha dos entrevistados para representar a população local, a reportagem sublinha a identificação desta com o Presidente. “Ele botou o pé na lama, quando o que os políticos costumam fazer é visitar de helicóptero áreas atingidas por desgraças”, ressalta um dos entrevistados em referência a uma visita emergencial do Presidente a Pernambuco. Lula, nesse caso, é um agente político próximo do drama da população e em consonância com suas demandas.

O enredo de distinções culturais e políticas entre os agentes da campanha enquadra a oposição em uma esfera isolada e apartada da realidade. Em uma estratégia de “gancho jornalístico”, ao transitar entre um assunto e outro, a reportagem avalia que “o candidato tucano não tem demonstrado recentemente menos ‘habilidade política’ e ‘preparo’ que normalmente lhe atribuem”.

Na sequência, a reportagem detalha a “pior semana” do candidato Serra, explicitando o atraso e os constrangimentos na escolha do candidato a vice-presidente e as denúncias sobre superfaturamento quando o candidato ocupava a Secretaria de Administração da Prefeitura do Rio de Janeiro.

No mesmo dia da convenção, o deputado Brizola Neto (PDT-RJ) fez circular na internet, por meio de seu blog “Tijolaço.com”, acusações levantadas por uma CPI da Câmara Municipal do Rio contra o indicado, relatadas pela vereadora Andrea Gouvêa Vieira, do PSDB. A própria parlamentar tucana, em entrevistas, atacou o companheiro de chapa de Serra. A CPI investigou superfaturamento e má qualidade nos alimentos comprados para a merenda escolar no Rio entre 2005 e 2006, quando Índio da Costa era o secretário da Administração de César Maia.

É importante observar que a reportagem utiliza fontes diretamente ligadas às denúncias, elencando dados e falas de especialistas. Ao abordar denúncias contra o campo político representado pela candidata Dilma, a reportagem não utiliza os mesmos critérios: “As baixarias, reais ou imaginárias, chegaram cedo, caso do suposto dossiê contra Serra produzido pela suposta equipe de espionagem a operar no comitê petista”.

É possível perceber que a cobertura política na edição 603 da revista *CartaCapital* não atribui o mesmo padrão de valoração para ambas as candidaturas. A relação de causa e consequência estabelecida entre “Pernambuco em desenvolvimento”, “Lula com máxima aprovação”, “transferência de votos” e “candidatura Dilma” forja um enredo que valoriza e destaca a candidata do PT no conjunto do texto.

A reportagem é composta pelo posicionamento de oito especialistas (presidentes de institutos de pesquisa e cientistas políticos) que tecem avaliações e fazem previsões ancoradas em dados estatísticos que indicam uma crescente intenção de votos e um cenário favorável a Dilma. Em contrapartida, a reportagem utiliza os mesmos especialistas para avaliar os embaraços e obstáculos da candidatura de Serra.

Reservando juízos de valores exclusivamente à oposição, a reportagem utiliza o recurso da ironia na construção do texto e termos como “pândego”, “estragos”, “dificuldades” e “confusão” são atribuídos ao candidato Serra e ao campo político por ele representado. Personificada mediante palavras-chave que constroem a imagem visual da campanha oposicionista a partir da notícia em questão, a candidatura

Serra é colocada em um enquadramento negativo, antagônico ao de sua adversária. É importante ressaltar que, no enquadramento adotado, a revista não aponta, mesmo por meio dos especialistas entrevistados, caminhos ou alternativas para o candidato sair da situação em que se encontra.

A ideia central que organiza a interpretação da revista ante a realidade é, como percebemos, orientada ideologicamente pela esquerda. Isso é perceptível desde a valorização dos que lutaram contra a ditadura às características simbólicas da distribuição de renda por meio dos programas sociais do Governo Lula. Desse modo, a construção de poder no enquadramento de *CartaCapital* forma uma estrutura de papéis, específicos a cada situação, exercidos pelos participantes do texto.

A campanha eleitoral de 2010, problema apresentado pela reportagem, é abordada inicialmente pelo viés econômico, em que há uma transição para o campo político baseando-se na personalização – Lula como espectro político – e na atribuição de valores pelos participantes do texto, sejam eles cientistas políticos ou moradores de Pernambuco. A situação dos candidatos, em obediência ao enquadramento plebiscitário adotado pela revista, configura um reflexo desse momento maior, qual seja, a conjuntura econômica e política interpretada por um viés de esquerda.

Se analisarmos a situação-problema do estado de Pernambuco como um cenário de desenvolvimento e fenômeno de aprovação do presidente Lula, o enquadramento proposto por *CartaCapital* tenta convencer o leitor de que a candidatura Dilma é a adequada para manter tal quadro favorável. Para além da “corrida de cavalos”, “temática” etc., a narrativa noticiosa avalia que Dilma não é apenas a garantia desse momento como foi coadjuvante na formação desse quadro positivo.

Observamos, dessa maneira, que a reportagem “Pelos mãos de Lula”, enquanto texto informativo proposto a fornecer um relato dos acontecimentos políticos, é construída a partir dos enquadramentos formatados no Editorial, ou seja, reforça um enquadramento exposto anteriormente pela revista. A escolha da candidatura Dilma, justificada

com opiniões e argumentos, transparece na reportagem por meio dos lugares opostos em que se colocam as candidaturas e nos critérios escolhidos para avaliá-las, qualificando o discurso de uma e precarizando o de outra.

O jogo

Para ampliar o espectro de análise das relações entre as diretrizes propostas pela preferência política e a cobertura da revista, comecemos com a edição 605, publicada em 21 de Julho de 2010. Esse período é ideal para avaliar a composição política das eleições, uma vez que nessa semana formalizaram-se as principais coligações e acertos para a formação das chapas em disputa e foram registradas as primeiras acusações e ofensas entre os concorrentes. Daí a importância de avaliarmos as estratégias elencadas por *CartaCapital* na publicação desses acontecimentos.

Reportagem “Do lado do poder”

A reportagem “Do lado do poder” trata das incômodas e “imprescindíveis” alianças à conquista do poder em períodos eleitorais. O subtítulo da matéria ressalta que “hoje quem está com o PT esteve com o PSDB. E vice-versa”. Em princípio, tal ressalva, o recorte e os termos utilizados no subtítulo sugerem uma ideia de equanimidade entre os polos em disputa. Tanto o partido da candidata Dilma quanto o do oponente Serra se valem das circunstâncias políticas para se beneficiar do apoio de outros partidos e de lideranças diversas. As aspas no termo “imprescindíveis” fazem uma distinção: para a revista, tais alianças são estratégias políticas dispensáveis; para a lógica partidária, são fundamentais.

A reportagem parte de um caso específico para traçar um panorama das alianças que configuram o quadro eleitoral em 2010. Trata-se das eleições para a Prefeitura de São Paulo em 2004, quando o ex-prefeito Paulo Maluf apoiou a candidatura da então prefeita Marta Suplicy.

Se vocês amam São Paulo, a solução está no presidente Lula e na sua candidata”, declarou o ex-governador em sua peculiar dicção, sem citar o nome da outrora desafeta. Um PT envergonhado omitia o apoio malufista no site de campanha, mas não nos carros de propaganda.

Para simbolizar o fato, *CartaCapital* lembra que, quatro anos antes, também na campanha para a Prefeitura de São Paulo, os dois candidatos trocaram acusações no debate eleitoral. Naquela ocasião, o ex-prefeito teria chamado a adversária de “desqualificada administrativamente” e a candidata à reeleição mandou que o ex-prefeito se calasse. O curto período de tempo que separa a contenda eleitoral do armistício entre Paulo Maluf e o PT e a intensidade do discurso político, em ambas as ocasiões, fizeram com que a revista escolhesse tal caso para ilustrar a natureza do jogo eleitoral em questão. Nesse entendimento, se as circunstâncias eleitorais proporcionam a união de desafetos tão emblemáticos, qualquer outra manifestação semelhante – ou seja, as circunstâncias eleitorais de 2010 – não seria surpresa.

A revista qualifica Paulo Maluf como “mosca eleitoral”, um tipo de liderança política que perdeu ou nunca teve as chances de se eleger, mas detém um determinado poder de angariar apoios regionais e votos. Essas lideranças atualmente gravitariam em torno, sobretudo, do PT e do PSDB, fechando acordos com aquele partido que oferecer mais cargos e poder político. Para completar esse raciocínio, a revista atualiza o destino político do ex-prefeito e aloca o tema na eleição presidencial de 2010.

Em 2004, além de apoiar Marta Suplicy, o hoje deputado federal pelo PP diria a seguinte frase: “Jamais votaria em Serra. Ele é o tipo de homem em que ninguém pode confiar”. A roda da fortuna girou mais uma vez e, agora, sobre quem Paulo “ficha mais limpa do Brasil” Maluf pousará na eleição para a Presidência da República? José Serra.

Outro antigo desafeto do candidato é lembrado na sequência da reportagem. Orestes Quércia e José Serra, aliados nos anos 80 quando

pertenciam ao PMDB, se tornaram opositores após a dissidência que formou o PSDB e, nas eleições de 2010, voltaram a se unir. Para demonstrar a proximidade de ambos, *CartaCapital* extrai frases de apoio dos dois lados e expõe a contradição dos discursos. Para Serra, no excerto de *CartaCapital*, Quércia “recapeou 1,2 quilômetros de estrada”. Para Quércia, Serra é “infinitamente mais preparado para ocupar a Presidência”.

Em seguida, *CartaCapital* lança mão de um cientista político para avaliar as reais vantagens do apoio de Quércia ao candidato Serra. O especialista, categorizado como “autor de um estudo sobre estratégias do sistema partidário-eleitoral”, qualifica de limitada a contrapartida de Quércia ao candidato e expõe as razões para a formação dessas alianças.

“Alianças entre ex-desafetos fazem parte de um cálculo eleitoral, hoje idêntico tanto para o PSDB quanto para o PT”, diz Cortez. “Em troca, ganham-se palanques nos estados e mais tempo no horário gratuito. Mas é arriscado. No caso de Marta com Maluf, por exemplo, não funcionou. Ela tentou roubar votos dessa direita que se identificou com Maluf no passado e que hoje está representada por Kassab, mas faltou combinar com o eleitor”.

Essas contrapartidas são mencionadas de maneira mais evidente quando a revista aborda as condições políticas da candidatura Dilma. Nesse ponto de vista, ao contrário do candidato do PSDB, que teceu comentários positivos a seus outrora inimigos políticos e que, apesar do esforço, fez um cálculo político equivocado, a candidata do PT, por forças das circunstâncias políticas, aliou-se a antigos desafetos políticos.

O enquadramento proposto pela revista tende a estabelecer que, mesmo considerando o posicionamento do especialista, que avalia o fenômeno das alianças controversas um fator de sobrevivência política em ambos os polos da disputa, a candidatura Serra é protagonista nas alianças, enquanto a candidata do PT é indiretamente influenciada por esse fenômeno.

Neste ano, analisa Cortez, o espaço na televisão tornou-se ainda mais vital para o PT pelo fato de Dilma Rousseff ser infinitamente menos conhecida do eleitorado do que Lula. Daí a importância da aliança com o PMDB, para o qual petistas sempre torceram o nariz.

O fato de Dilma Rousseff ser candidata pela primeira vez contribui para que o peso de tais alianças não recaia exclusivamente sobre a candidata – como ocorre com Serra – mas sobre o partido ou sobre a figura de Lula. A respeito da mais questionável aliança do PT, com o senador José Sarney, *CartaCapital* reconta o episódio em que o diretório regional do partido no Maranhão foi enquadrado pelo comando nacional, quando havia decidido não apoiar a candidatura de Roseana Sarney no Estado. A revista acentua que “as críticas dentro do próprio PT foram duras”.

Nesse ponto, observamos outro mecanismo de enquadramento sobre as alianças políticas para a eleição. *CartaCapital* destaca que os pactos com as “moscas políticas” constroem o PT e, apesar de feitos com o acordo do Partido, geram inquietações e discussões internas, as quais não são explicitadas pela revista. De outro modo, *CartaCapital* não revela se esses acordos políticos geram constrangimentos internos no PSDB e se ouve alguma voz dissidente do partido reclamar das concessões para as alianças em questão.

Dessa maneira, o partido da candidata Dilma qualifica-se no enquadramento como aquele que interage com o jogo eleitoral de uma forma crítica, reconhecendo os fatores positivos e negativos de tais acordos. A omissão em relação às consequências da formação de alianças no PSDB denota que o partido não se afeta com a qualidade ou com os fatores negativos decorrentes do processo político. Apesar de o cálculo eleitoral ser idêntico nos dois partidos, conforme ressalta o especialista ouvido pela publicação, apenas o PT carrega uma perspectiva crítica em relação ao histórico dos antigos desafetos, hoje aliados.

Em seguida, a reportagem descreve a natureza das lideranças políticas qualificadas como “moscas políticas” na eleição de 2010 e que

estiveram nos governos de ambos os partidos. Pelo fato de ser candidata pela primeira vez, Dilma se isenta do peso da relação estabelecida nessas alianças. Serra, ministro de Fernando Henrique Cardoso, carrega o ônus de ter sido agente na formação das alianças durante esse Governo.

Um perfeito exemplo é o senador alagoano Renan Calheiros, hoje com Lula e Dilma, ontem ministro da Justiça de Fernando Henrique Cardoso, anteontem parceiro de Collor. Romero Jucá, líder do governo Lula no Senado, teve o mesmo cargo na administração FHC. Jader Barbalho foi FHC, foi Lula, e agora espera até o último momento para decidir entre Dilma e Serra.

Apesar de elencar de maneira equânime as figuras políticas, os fatores positivos da aliança são atribuídos apenas à candidatura Dilma. A revista atribui a Michel Temer, candidato à vice-presidente na chapa com o PT, por exemplo, qualidades para vencer a eleição. Entre elas, “não atrapalha”, é capaz de “segurar uma ala significativa do partido em torno de Dilma” e garantiu “o que os petistas mais desejavam, os 6 minutos no horário eleitoral”.

Ao abordar a candidatura Serra, a reportagem não descreve vantagens das alianças firmadas, tampouco menciona qual o candidato à vice-presidência nessa chapa. Assim, apenas a candidatura Dilma utiliza de maneira eficaz o cálculo eleitoral disponível por meio dessas alianças.

A ideia do texto e que norteia a reportagem é a formação da campanha eleitoral como um jogo de interesses baseados na utilidade das alianças. Desse modo, o enquadramento não parte de uma interpretação jurídica dos fatos nem de uma abordagem sobre a necessidade de uma reforma política, mas da maneira de estabelecer essas alianças, considerando especialmente o pleito de 2010. Assim, a construção de poder no enquadramento de *CartaCapital* não constitui uma distinção entre as forças políticas, já que ambos os partidos são agentes na formação das alianças, mas uma forma de enfatizar ou omitir as relações das candidaturas com os agentes políticos desqualificados na estrutura de papéis elaborada no texto noticioso.

As alianças estratégicas, ferramenta para a campanha eleitoral de 2010, são tratadas exclusivamente pelo viés político, em que há uma definição de papéis: os polos da disputa, representados pelos partidos hegemônicos, regem o jogo político e as personagens dos partidos minoritários são agentes negativos do processo eleitoral.

Partindo desse enquadramento, de um lado figura o campo representado pelo PT, considerado pela revista a opção ideal para a campanha. No enredo da reportagem, termos como “envergonhado” e “engulhos” são atribuídos ao Partido em função das concessões políticas. Às alianças formadas pelo PSDB, são conferidas algumas expressões “afagos”, “cumprimentar”, “retribuiu” para fornecer ao leitor a perspectiva de proximidade das figuras políticas em questão.

De outra sorte, o discurso do especialista escolhido pela revista propõe também duas abordagens distintas para os campos em disputa. Para o PSDB, as alianças não são vantajosas ou, no mínimo, levantam suspeitas sobre o retorno dos acordos políticos em forma de votos. “Sou cético em relação à chance de Quércia ser eleito senador. Não acredito que ainda tenha tantos votos”, aponta o cientista político.

Em relação à candidata do PT a abordagem é focada na compensação e no temor de alianças com figuras políticas desqualificadas. “No caso de Marta com Maluf, por exemplo, não funcionou. Ela tentou roubar votos dessa direita que se identificou com Maluf no passado e que hoje está representada por Kassab, mas faltou combinar com o eleitor”, avalia o especialista. Desse modo, alocando a aliança tucana na campanha presidencial em curso e o acordo petista em um cenário passado, o enquadramento distancia a candidata Dilma e aproxima o candidato Serra de tais quadros políticos.

De tal modo, é possível avaliar que a reportagem “Do lado do poder” dispõe ao leitor um balanço desigual da perspectiva política do momento. O enquadramento proposto revela um viés não balanceado, seja no uso do discurso qualificado dos especialistas envolvidos na estrutura de papéis, seja no enfoque do debate interno dos partidos para a consolidação das alianças ou no recorte temporal estabelecido para

avaliar as duas campanhas. Embora o Editorial não guarde uma relação de síntese opinativa com a reportagem, é possível identificar critérios distintos para avaliar as duas candidaturas.

Considerações finais

Podemos afirmar que há necessidade de pesquisas sobre como a mídia nacional enquadra os assuntos relacionados à política em momentos específicos ou em sua azáfama diária. A corrupção e os escândalos políticos são exemplos de preocupações presentes e específicas da audiência nacional. Assim, o conceito de enquadramento noticioso constitui uma importante ferramenta e chama a atenção dos pesquisadores brasileiros na cobertura jornalística da política nacional.

A condução do processo político-partidário brasileiro em caráter polarizado – PSDB e PT – estabeleceu consequências não somente no campo político, mas em diversos segmentos da sociedade. A mídia, em geral, e a imprensa escrita, em particular, para dar vazão ao enredo político estabelecido, tendem a reproduzir a polaridade na composição argumentativa de seus editoriais e nas omissões seletivas dos fatos abordados em suas reportagens.

CartaCapital, em sentido estrito, apesar de instituir um padrão crítico ao Governo Lula em ocasiões pontuais, aproveitou a eleição para contrapor outros meios de comunicação que, de maneira mais ou menos clara, se colocaram em favor da candidatura Serra. Podemos concluir que, em momentos específicos, quando um tema se estabelece na agenda midiática com anseios diversos, como ocorre em uma campanha eleitoral, a profusão de carga opinativa em textos noticiosos se caracteriza como elemento padrão.

Conforme tentamos mostrar neste trabalho, embora o enquadramento proposto pela revista seja estabelecido mediante um pacto com o leitor, em que a revista expressa as razões da sua preferência política, a configuração partidária encenada durante as eleições não favorece uma compreensão politicamente desmotivada dos fatos abordados. Em suma, a verdade factual, nos limites precisos que

a cercam, se caracteriza de maneira modelada, a depender do espectro político ao qual está enquadrada.

Não fez parte das preocupações deste trabalho tratar das especificidades do conceito de enquadramento, tampouco elaborar um panorama da conjuntura política brasileira no período eleitoral abordado. Buscamos, em suma, tencionar os valores jornalísticos por meio das práticas determinadas na campanha eleitoral de 2010, utilizando para esse objetivo o instrumental geral disposto pela teoria do enquadramento. O conceito de enquadramento noticioso oferece uma sólida alternativa para analisar a mídia nacional, pois verifica de que modo a mensagem é organizada, ressaltando preferências de um determinado enquadramento em oposição a outros. A importância desse conceito está diretamente relacionada à identificação das tendências dos meios noticiosos nacionais e à análise de comunicação com um enfoque específico do campo jornalístico.

Com o levantamento bibliográfico e a análise dos objetos a partir do conceito de enquadramento, foi possível observar as diferentes formas utilizadas por um semanário brasileiro na construção do seu posicionamento político, salientado em nuances ou exposto por meio de uma inversão nos valores clássicos do jornalismo.

Compreender a relação entre mídia e política é fundamental para entender o funcionamento da política contemporânea e do jornalismo em sua essência empírica. Os meios de comunicação não são canais neutros que “registram” uma realidade que lhes é externa. Também não são penetras para perturbar uma atividade política que, fundamentalmente, ocorre sem eles.

Entre essas duas abordagens está, de certa forma, o esforço que procuramos empreender no presente trabalho. Reconhecer a influência da mídia no campo político não significa dizer que há uma dominação da política sobre os meios de comunicação. Os efeitos e as estratégias da mídia são diversos e, de acordo com as situações específicas em que se inserem, sofrem a ação de contratendências e resistências. Há um processo, permanentemente tencionado de embate entre as lógicas

da mídia e as da política, que necessita ser observado constante e detalhadamente na sua complexidade. A análise das práticas jornalísticas em determinados momentos políticos parece um interessante caminho para tal ação.

Referências

AMARAL, Luiz. *A objetividade jornalística*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

A REVISTA NO BRASIL. 2000. São Paulo: Editora Abril.

BURKE, P.; BRIGGS, A. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CARVALHO, Carlos Alberto de. Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento jornalístico. *Contemporanea*, v. 7, n. 2, dez. 2009a.

_____. O enquadramento como conceito desafiador à compreensão do jornalismo. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 14., 2009. São Paulo. *Anais...* São Paulo: INTERCOM, 2009b.

COLLING, Leandro. Agenda-setting e o framing: reafirmando os efeitos limitados. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, n. 14, 2001.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide*. Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Ortiz, 1987.

GILLMOR, D. *Nós, os media*. Lisboa: Presença, 2004.

GUERRA, Josenildo Luiz. Ensaio sobre jornalismo: um contraponto ao ceticismo em relação à tese da mediação jornalística. In: CONGRESSO DA COMPÓS, 9., 2000, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: COMPÓS, 2000. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/pagina.php?menu=8&mmenu=&ordem=2&grupo1=9D&grupo2=11&encontro=&tag=&ano=&mes=&pchave=&git=&pg=127>>. Acesso em: 06 abr. 2011.

HOHLFELDT, A. Objetividade, categoria jornalística mitificada. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande/MS. *Anais...*, São Paulo: Intercom/Portcom, set. 2001. 1 CD-ROM.

LAGE, N. *Controle da opinião pública: um ensaio sobre a verdade conveniente*. Petrópolis: Vozes, 1998.

LEAL, P. M. V. News frames no jornalismo político brasileiro: análise de enquadramento da cobertura do escândalo dos Sanguessugas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007. Santos, SP. *Anais...* Santos, SP, 2007. 1 CD-ROM.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência*. O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 2006.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

PONTE, Cristina. *Para entender as notícias – linhas de análise do discurso*. Florianópolis: Insular, 2005.

PORTO, M. P. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, A. A. (Org.). *Comunicação e política: conceitos e abordagens*. Salvador: Edufba, 2004. p. 73-104.

_____. Interpretando o mundo da política: perspectivas teóricas no estudo da relação entre psicologia, poder e televisão. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 23., 1999, Caxambu, MG. *Anais...* Caxambu, MG: ANPOCS, 1999.

SILVEIRINHA, Maria João. *O lançamento da moeda européia e seus enquadramentos na imprensa*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18029/1/R0199-1.pdf>>. Acesso em 20 mar. 2011. Mesa de Comunicação e Cidadania no 28º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela Intercom e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 5-9 set. 2005.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VILAS BOAS, Sérgio. *O estilo magazine*. São Paulo: Summus, 1996.

Recebido em: outubro de 2011

Aprovado para publicação em: dezembro de 2011